

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**

**CAMPUS BAIXADA SANTISTA**

**INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE**

**CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**DANIELA DE ANDRADE DA SILVA**

**TECNOLOGIAS SOCIAIS NA ESCOLA PÚBLICA COM JOVENS:  
SOBRE AS INVENÇÕES COLETIVAS E OS FAZERES SINGULARES**

**SANTOS**

**2021**

DANIELA DE ANDRADE DA SILVA

**TECNOLOGIAS SOCIAIS NA ESCOLA PÚBLICA COM JOVENS:  
SOBRE AS INVENÇÕES COLETIVAS E OS FAZERES SINGULARES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Terapia Ocupacional sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Patrícia Leme de Oliveira Borba.

SANTOS  
2021

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Daniela de Andrade da Silva

### **TECNOLOGIAS SOCIAIS NA ESCOLA PÚBLICA COM JOVENS: SOBRE AS INVENÇÕES COLETIVAS E OS FAZERES SINGULARES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Terapia Ocupacional sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Inês Badaró Moreira.

Santos, 28 de junho de 2021.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Patrícia Leme de Oliveira Borba**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Gabriela Pereira Vasters**

## **Agradecimentos**

Primeiramente, quero agradecer a mim, que apesar de todos os momentos desafiadores, não desisti e estou aqui agora, finalizando este processo. Agradeço a Deus, que me sustentou e me deu forças quando tudo parecia não mais fazer sentido.

Agradeço também a Ele por ter enviado anjos no meu caminho, cujos nomes são Gabriela e Isabela, minhas irmãs, que me ouviram, abraçaram, choraram e se divertiram comigo durante toda essa caminhada e que tenho certeza estarão comigo para o resto da vida.

Agradeço também à Ele por ter me dado meus pais, que nunca desacreditaram de mim, que sempre estiveram comigo, dando suporte, fazendo tudo o que fosse possível para que eu pudesse finalmente me graduar. Obrigada pai por ter sustentado o peso de ficar longe dos seus pais, por acreditar que assim estaria me dando uma condição de vida melhor. Obrigada mãe, por também sustentar essa decisão, e permanecer comigo, cuidando de mim até hoje.

Agradeço todos meus amigos e familiares que tantas vezes me viram confusa, e que tantas vezes não me viram, por conta das inúmeras obrigações, mas que sempre torceram e acreditaram que esse dia chegaria. Agradeço especialmente à minha irmã Andiará, que me apoiou em conhecimento com sua experiência e me fortaleceu com suas palavras de carinho e sabedoria.

Agradeço à minha orientadora que foi paciente com minhas dificuldades, e que me ajudou a permanecer determinada, mesmo nos momentos que eu não acreditava que daria conta.

E por fim, agradeço ao meu amigo Ayrton, que acreditou e me ajudou até aqui. Serei eternamente grata por tudo que fez por mim e peço que Deus sempre o abençoe.

**TECNOLOGIAS SOCIAIS NA ESCOLA PÚBLICA COM JOVENS:  
SOBRE AS INVENÇÕES COLETIVAS E OS FAZERES SINGULARES<sup>[1][2]</sup>**

**SOCIAL TECHNOLOGIES IN PUBLIC SCHOOLS WITH TEENS:  
ABOUT COLLECTIVE INVENTIONS AND SINGULAR MAKING**

Daniela de Andrade da Silva <https://orcid.org/0000-0002-7093-2730>

Patrícia Leme de Oliveira Borba <https://orcid.org/0000-0002-9654-8593>

a Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Campus Baixada Santista, Santos, SP, Brasil.

b Departamento Saúde, Educação e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, Santos, SP e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

Contato correspondente: Patrícia Leme de Oliveira Borba. Universidade Federal de São Paulo, Edifício Central - Rua Silva Jardim, 136 - Vila Matias, Santos - SP, 11015-020, Brasil. E-mail [patricia.borba@unifesp.br](mailto:patricia.borba@unifesp.br). Telefone: +55 13991686994

Fonte de Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Daniela de Andrade da Silva: entrevista, análise e discussão dos dados, escrita do manuscrito. Patrícia Leme de Oliveira Borba: organização, colaboração na escrita, revisão crítica do texto e orientação da pesquisa.

## RESUMO

**Introdução:** A presente pesquisa está vinculada às ações desenvolvidas junto a jovens populares urbanos por meio de um Projeto de Extensão “Juventudes e Funk na Baixada Santista: Territórios, Redes, Saúde e Educação” em parceria com Escolas Públicas na cidade de Santos. **Justificativa:** Tecnologias sociais podem ser entendidas como procedimentos, técnicas, metodologias e recursos que são desenvolvidos junto à comunidade (no caso desse projeto, com os alunos da escola que a extensão acompanha desde 2014) e potencializam suas capacidades, visando a transformação social desses sujeitos através das ações propostas nas atividades e oficinas realizadas. **Objetivo:** (re)conhecer algumas das contribuições do projeto de extensão na formação dos estudantes da graduação e também visa pontuar algumas discussões e explicitação das contribuições da Terapia Ocupacional Social na criação das tecnologias sociais, explicitando as contribuições dessa área de conhecimento e também apontando alguns dos desafios imbricados pelo trabalho interdisciplinar.

**Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória que reuniu material a partir de diferentes fontes, a saber: acesso e sistematização do banco de atividades desenvolvidas no decorrer dos anos de 2014 a 2019, disponíveis no @drive do projeto de extensão, leitura e análise dos diários de campo dos estudantes de graduação dos cursos de psicologia, serviço social e terapia ocupacional participantes do projeto juventudes e funk; entrevistas com 4 extensionistas da extensão que se disponibilizaram a participar da pesquisa; Os resultados foram analisados a partir da descrição, composição e comparação das informações coletadas, à luz dos referenciais teóricos que fundamentam os temas-guia do trabalho, de maneira a permitir e relacionar tecnologias sociais, juventude e adolescência, escola e terapia ocupacional social. **Resultados:** Foram construídas três eixos analíticos: *situando contextos singulares: escola pública e universidade*, apresentaremos as singularidades dos campos onde foram planejadas e executadas as atividades da extensão; *componentes para o fazer grupal* que discutirá como se dava a dinâmica do grupo e as singularidades dos vínculos criados entre os participantes e os executores das oficinas e sua importância para a condução dos objetivos da oficina; *os sentidos dos espaços criados pelo projeto de extensão e a potência dos afetos à leitura da terapia ocupacional social* no qual a discussão se dá em torno das oportunidades de debates e compreensão destes lugares provocados pelas atividades previamente planejadas e como os afetos que atravessam estes encontros foram sendo acolhidos, entendendo as contribuições da terapia ocupacional social no âmbito da produção de cuidado, um cuidado democrático. **Conclusões:** Localizar e nomear contribuições do núcleo específico da Terapia Ocupacional Social em um campo interdisciplinar é uma tarefa complexa embora necessária, mas de fato só é possível quando parte da realidade concreta e da escuta sensível dos atores envolvidos na ação, e nesse sentido a escuta de extensionistas de outras áreas foi fundamental para o caminhar desse processo.

**Conclusão: Palavras-chave:** Tecnologias Sociais, Sistematização, Jovens, Terapia Ocupacional Social.

## ABSTRACT

**Introduction:** This research is linked to actions developed with popular urban youth through an Extension Project “Youth and Funk in Baixada Santista: Territories, Networks, Health and Education” in partnership with Public Schools in the city of Santos. **Justification:** Social technologies can be understood as procedures, techniques, methodologies and resources that are developed with the community (in the case of this project, with students from the school that the extension has been following since 2014) and enhance their capabilities, aiming at the social transformation of these subjects through the actions proposed in the activities and workshops carried out. **Objective:** (re)knowing some of the contributions of the extension project in the training of undergraduate students and also aims to point out some discussions and explanation of the contributions of Social Occupational Therapy in the creation of social technologies, and also pointing out some of the challenges intertwined by interdisciplinary work **Methodology:** This is a descriptive and exploratory research that gathered material from different sources, namely: access and systematization of the bank of activities developed during the years 2014 to 2019, available at @drive of the extension project, reading and analysis of field diaries of undergraduate students from psychology, social work and occupational therapy courses participating in the extension project; interviews with 4 selected students who were available to do that; The results were analyzed from the description, composition and comparison of the information collected from the adolescents, in the light of the theoretical references that underlie the guiding themes of the work, in order to allow and relate social technologies, youth and adolescence, school and occupational therapy Social. **Results:** Three analytical axes were built: knowing the context: public school and university, components for group work that will discuss how the group dynamics and the singularities of the bonds created between the participants-executors of the workshops and their importance for carrying out the objectives of the activity; The meanings of the spaces created by the extension project and the power of affections to the reading of social occupational therapy in which the discussion takes place around the opportunities for debates and understanding of these places caused by previously planned activities and how the affections that permeate these meetings were being welcomed, understanding the contributions of social occupational therapy in the context of care production, a democratic care. **Conclusions:** Locating and naming contributions from the specific core of Occupational Therapy in an interdisciplinary field is a complex although necessary task, but in fact it is only possible when part of the concrete reality and the sensitive listening of the actors involved in the action, and in this sense, listening to extension workers from other areas was fundamental to the progress of this process.

Keywords: Social Technology, Systematization, Youth, Social Occupational Therapy

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. TECNOLOGIAS SOCIAIS, JUVENTUDES E ESCOLA PÚBLICA.....	10
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
4. RESULTADOS.....	14
4.1. Situando contextos singulares : Escola Pública & Universidade.....	14
4.1.1. Componentes para o fazer grupal.....	18
4.1.2. Os sentidos e os espaços criados pelo projeto de extensão e a potência dos afetos à leitura da terapia ocupacional.....	24
5. CONCLUSÕES.....	29
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	32



## Introdução

Este artigo é resultado de uma iniciação científica que se debruçou sobre as tecnologias sociais, com ênfase nas Oficinas da Diferença, utilizadas e desenvolvidas pelo Projeto de Extensão “Juventudes e Funk na Baixada Santista: Territórios, Redes, Saúde e Educação”<sup>1</sup> que atua junto a jovens do ensino médio em parceria com Escolas Públicas na cidade de Santos sob coordenação da Profa. Dra. Cristiane Gonçalves Silva e da Profa. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba.<sup>2</sup>

Este projeto de extensão iniciou suas atividades no ano de 2014 sendo que a maior parte de suas ações ocorrem no interior de escolas públicas. A equipe de trabalho é formada por docentes e discentes provenientes de diferentes cursos de graduação, a saber Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional, compondo uma equipe interdisciplinar. Tem como objetivo a ampliação de espaços formativos e de debate sobre temáticas pertinentes e que partem da experiência juvenil, sobretudo no que se refere ao exercício da sexualidade, estilos de vida e concepções de mundo junto a jovens moradores/as de regiões de vulnerabilidade social da Baixada Santista, Santos e Guarujá, construindo repertório crítico para transformar a realidade desigual constituída a partir da interseccionalidade dos marcadores sociais da diferença (BRAH, 2006; SILVA, 2019).

A tecnologia social utilizada pelo projeto para realizar suas ações socioeducativas têm sido nomeada “Oficinas da Diferença” (SILVA e BORBA, 2018) e se pautam na problematização, na conscientização e na busca da horizontalidade, com ênfase nas relações entre pares, jovens secundaristas - jovens universitários (FREIRE, 2005), objetivando utilizar materiais e linguagens que mais se aproximem e dialoguem com as realidades enfrentadas por

---

<sup>1</sup> Desde 2018 parte das ações da extensão passaram a integrar o projeto temático FAPESP (processo 17/25950-2) denominado “Vulnerabilidades de jovens às IST/HIV e à violência entre parceiros: avaliação de intervenções psicossociais baseadas nos direitos humanos”. Pesquisadora responsável: Vera S. F. Paiva; pesquisadores/as principais: Cristiane Gonçalves da Silva, Ivan França Junior e José Ricardo Ayres. A proposta envolve a Universidade de São Paulo (Instituto de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Faculdade de Saúde Pública, Faculdade de Medicina), a Universidade Federal de São Paulo (Instituto Saúde e Sociedade, Baixada Santista), a Unisantos (Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva) e a Universidade Federal de São Carlos (Faculdade de Ciências e Educação, Sorocaba).

<sup>2</sup> Orientadora da presente proposta é coordenadora do Núcleo UNIFESP/Rede Metuia e líder do Grupo de Pesquisa ‘Terapia Ocupacional Social e suas Interfaces: Fundamentos, intervenções’ se inserindo na linha de pesquisa ‘Contemporâneos juvenis e suas expressões: Espaços Públicos, Terapia Ocupacional e Tecnologias Sociais’.

eles/as, compondo um vasto repertório de atividades e dinâmicas que funcionam ora como disparadores ora como mediadoras do processo instaurado no interior das oficinas.

As Oficinas da Diferença vão ganhando formas e conteúdos diferentes a depender do grupo envolvido em sua criação e demanda/necessidade do contexto. Durante os anos de 2014 e 2016 na Escola Visconde de São Leopoldo – Ensino Médio, foram abordados nas oficinas assuntos gerais relacionados à juventude e, através dos temas de interesse dos alunos e do projeto, foi possível realizar oficinas sobre prevenção de HIV-AIDS, violência contra as mulheres, relações raciais e diversidade sexual.

Em 2015, iniciou-se uma parceria com a Escola Técnica Estadual "Aristóteles Ferreira" que, apesar de localizada na cidade de Santos, tem como característica de seu perfil estudantes oriundos de diversas áreas da Baixada Santista, demonstrando assim uma pluralidade de classes sociais e culturais. Em 2016, a extensão passou a assumir uma assessoria ao Projeto Interdisciplinar anual da ETEC, “Espiral de Cidadania”, que consistia no desenvolvimento de pesquisa e produção de um ‘produto’ pelos estudantes de cada sala (15) dos 3 anos dos Ensinos Médios, sobre assuntos/temas propostos em conjunto pela escola e equipe da extensão (REIS, GALVANI, BORBA, 2020).

A participação do projeto de extensão, de uma forma geral, era a realização de *Oficinas da Diferença* formativas com os professores e estudantes da ETEC, e por meio delas promover debates ao longo do ano, disponibilizando materiais imagéticos e pesquisas que estimulassem a curiosidade dos alunos acerca do tema eleito para o projeto da escola. Entre os temas eleitos foram: em 2015: Sobre Diferenças e Respeito; 2016 Alteridade: Sobre o outro em nós, 2017: Tecnologia Digital, 2018: Consumo e Sustentabilidade.

Como colocado por Silva e Borba, 2019

Vale destacar o aspecto positivo do efeito surtido da presença de estudantes de graduação nas escolas públicas em processo de formação com vistas a promover uma relação educativa baseada na reciprocidade entre categorias de jovens. Universitários e secundaristas em encontro, colocam em destaque a necessidade de superar o adultocentrismo que hierarquiza as relações entre professores/as e estudantes no cotidiano escolar.

Corroborando com Lopes e colaboradoras (2008) notamos que por meio das práticas de extensão aglutinam-se materiais que propiciam uma melhor compreensão da realidade concreta e das possibilidades de intervenção baseadas na convivência, respeitando as individualidades e singularidades dos sujeitos, e ainda, articulam-se propostas de pesquisas e

formação dos alunos da graduação, implicando no desenvolvimento de novas tecnologias sociais.

Dessa maneira, integrando o cenário das intervenções sociais com jovens da região da Baixada Santista, em especial da cidade de Santos, o que tem se desdobrado na realização de atividades de ensino e pesquisa, em diferentes níveis (Lopes et al, 2008). Além disso, a atuação nas diferentes modalidades de espaços educativos – formais ou não formais (SIMSON et al, 2001) tem permitido uma potente interlocução com diversos atores, uma melhor apreensão da realidade local, com suas potencialidades e limitações, mas, sobretudo, a criação de um repertório expressivo de tecnologias sociais – recursos e atividades - que se constituíram o material empírico da presente proposta de pesquisa.

Dessa forma, o presente artigo abordará de que forma o conjunto das tecnologias sociais criadas pelo projeto de extensão Juventudes & Funk impactou a formação dos estudantes da graduação e também visa pontuar algumas discussões e explicitação das contribuições da Terapia Ocupacional Social na criação das tecnologias sociais e os desafios os desafios imbricados pelo trabalho interdisciplinar.

### **Tecnologias Sociais, Juventudes e Escola Pública**

Tecnologias sociais podem ser entendidas como procedimentos, técnicas, metodologias e recursos que são desenvolvidos junto à comunidade, no caso desse projeto, com os alunos da escola que a extensão acompanha desde 2014 e potencializam suas leituras críticas através das propostas realizadas no interior das *Oficinas da Diferença*, visando com que esses sujeitos se reconheçam como autores de suas próprias histórias, conscientes do lugar de opressão que ocupam, bem como o reconhecimento das diferenças entre as pessoas que compõem os grupos, da forma como elas são produzidas e legitimadas com determinadas ações e posicionamentos cotidianos. (FREIRE, 2005; FRASER, 2006.)

Assim, os principais aportes teóricos constitutivos dessa práxis são: o legado de Paulo Freire, os estudos culturais do campo de gênero e a Terapia Ocupacional Social (BARROS, GHIRARDI e LOPES, 2002; BARROS, LOPES e GALHEIGO, 2007) articulados ao reconhecimento dos Marcadores sociais da diferença (ZAMBONI, 2014) e seus enfaixamentos.

As oficinas são planejadas de acordo com as temáticas, demandas coletivas e individuais, que são trazidas por aquela população ou identificadas naquele território bem como aquelas que o própria equipe da extensão deseja evidenciar, relacionadas ao campo da sexualidade, racialidade e de gênero, uso abusivo de drogas, diversidade cultural, consumo e sistema capitalista, tecnologias virtuais e seu emprego no cotidiano, etc. mobilizando o uso de

diferentes recursos e técnicas, tais como: fruição e produções audiovisuais e musicais, com ênfase no funk, rodas de conversa, elaboração de apresentações culturais e exposições, confecção de cartazes, dinâmicas, jogos teatrais, jogos, construção e uso de memes.

Utilizar o recurso da atividade tem por objetivo proporcionar um contato maior com os jovens, tornando possível identificar suas necessidades e potenciais, além disso ainda promove uma maior interação desses com os outros participantes das oficinas, transformando o espaço físico da Oficina em um espaço prazeroso de sociabilidade e trocas (LOPES et al, 2011).

Silva (2007a. p.213) vê as Oficinas de Atividades como uma importante técnica metodológica para a criação de vínculos com esses jovens e as define como:

espaços constituídos por um agrupamento social nos quais são estabelecidas propostas relacionadas ao fazer, à ação humana, que promovem a aprendizagem compartilhada. Ressalta-se o caráter ativo do sujeito nesse processo assim como o caráter dinâmico dessas experiências relacionais: entre participantes, espaço, materiais, memória, sensações.

Promover a participação dos jovens nessas oficinas, constrói a possibilidade de um processo de conscientização, onde eles podem se enxergar como autores de suas vidas e assim participar ativamente das mudanças que esse processo pode oferecer.

Vale ressaltar que vivemos num mundo jovem, numa sociedade que se estrutura e se orienta para o lucro e para o consumo, num país com altos patamares de desigualdade, possuidor de um Estado com inúmeras fragilidades e dificuldades para a garantia aos seus cidadãos daquilo que é estabelecido constitucionalmente. Em decorrência, são produzidas, cotidianamente, importantes violações de direitos, onde uma importante parcela da juventude brasileira passa da condição de vítima da violenta desigualdade ao lugar social de responsabilização por diversas modalidades de mazelas sociais, principalmente aquelas que se referem a situações de violência urbana (LOPES et al., 2008).

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), promulgado há quase 20 anos, está baseado nas concepções do Estado Interventor e Protetor do Bem-Estar Social, implicando, juridicamente, na assunção pelo Estado da garantia dos direitos protetivos a todas as crianças e adolescentes. Se comparado a outros países, o Brasil possui uma legislação avançada em termos da concepção da criança e do adolescente como sujeito de direitos, prioridade absoluta e em condição peculiar de desenvolvimento. Avança também na proposição da criação de uma rede de atendimento que garanta a efetivação concreta dessa concepção (LOPES, SILVA e MALFITANO, 2006). Porém, há, ainda, importante distância entre o que se define

legalmente e como se efetiva, na realidade concreta, o que preveem tais concepções (FONSECA e CARDARELLO, 1999).

Podemos entender a juventude como parte de um amplo processo de constituição do sujeito, que será condizente ao meio social no qual se desenvolve esse jovem. Porém, por mais que a juventude exista em um determinado período de nossa vida, ela não pode ser vista apenas como um momento de passagem, deve ser atribuída a ela sua devida importância. No contexto em que vivem, é importante que se tenha uma ampla rede de suporte social, com políticas públicas que possibilitem esses jovens a se colocarem de fato como sujeitos e cidadãos (DAYRELL, 2003).

Nesse contexto, entendemos que a Escola, no caso, a Escola Pública, poderia ser um importante eixo de suporte social. A partir da compreensão de como a educação formal se constituiu no Brasil, percebemos que, de fato, temos uma situação diferenciada hoje, visto o seu acesso a todas as classes sociais (LOPES, SILVA, MALFITANO, 2006; PEREGRINO, 2008). A Escola Pública é um dos poucos espaços institucionais, eminentemente público, de sociabilidade dos jovens pobres, como nos coloca Sposito (2005) e ainda, segundo a autora, a expansão do sistema de ensino, principalmente do Ensino Médio, se criou uma nova geração de jovens que incorporou a variável escolar no seu repertório de práticas e expectativas, como se houvesse um “mergulho na sociedade escolarizada”, pois a instituição escolar está no centro das referências identificatórias, independentemente da adesão ou da crítica.

Nesse sentido, pauta-se a necessidade latente da criação de recursos e tecnologias sociais que cada vez mais se aproximem e dialoguem com as diferentes e diversas realidades juvenis, na tentativa da construção de um espaço escolar mais acolhedor e respeitoso (SENNET, 2006).

Trata-se de um tema complexo e do qual ainda existe pouca produção de material que avaliem o impacto das intervenções socioeducativas junto aos jovens, direcionadas para a produção de tecnologias sociais que se dediquem a articular os binômios juventudes-escola, juventudes-diferenças, juventudes-ampliação de leitura crítica.

## Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória que reuniu material a partir de diferentes fontes, a saber: acesso e sistematização do banco de atividades desenvolvidas no decorrer dos anos de 2014 a 2019, disponíveis no @drive do projeto de extensão, leitura e análise dos diários de campo dos estudantes de graduação dos cursos de psicologia, serviço social e terapia ocupacional participantes do projeto juventudes e funk; entrevistas com 4 extensionistas da extensão que se disponibilizaram a participar da pesquisa.

Vale ressaltar que algumas dificuldades, como obter informações mais precisas de como as oficinas eram organizadas, foi uma barreira para o desenvolvimento do trabalho, já que o material nem sempre estava organizado de acordo com a data ou tema da oficina, e com isso era necessário fazer algumas comparações e análises de quais eram as oficinas relatadas nos diários, e ainda apenas algumas oficinas apresentavam roteiro de execução, o que também dificultou em alguns momentos a organização do catálogo e portanto a descrição das atividades contém a subjetividade de análise da condutora do estudo.

Antes de iniciar as análises propriamente ditas faz-se necessário explicar que por condições de disponibilidade dos possíveis entrevistados apenas 4 das 20 entrevistas pensadas inicialmente puderam ser realizadas, sendo que duas delas tiveram que ser realizadas no formato *online*, já que por condições externas, no caso a pandemia decretada em março, no mês que ampliaríamos as entrevistas, as possibilidades de encontros ficaram restritas. Apesar desta parte da pesquisa ter sido realizada nos moldes que nos foram cabíveis, contamos com a colaboração e solicitude dos entrevistados em responder as perguntas por aplicativos de mensagens, o que não acarretou na diminuição da qualidade da entrevista.

Os resultados foram analisados a partir da descrição, composição e comparação das informações coletadas com as extensionistas, à luz dos referenciais teóricos que fundamentam os temas-guia trabalhados, de maneira a permitir e relacionar tecnologias sociais, juventude e adolescência, escola e terapia ocupacional social.

A partir da percepção de que roteiro e execução das oficinas apresentavam algumas diferenças que exigem a compreensão do território de onde elas são planejadas e executadas,

criamos uma primeira categoria de análise que será discutida mais adiante e que adotamos como Situando contextos singulares: Escola Pública & Universidade

Em seguida abordaremos os *componentes para o fazer grupal, categoria na qual* discutirá como se dá a dinâmica do grupo e as singularidades dos vínculos criados e como eles são de extrema importância para a execução dos objetivos da atividade.

A terceira e última categoria de análise que será apresentada chamamos de *Os sentidos dos espaços criados pelo projeto de extensão e a potência dos afetos à leitura da terapia ocupacional* no qual a discussão irá discorrer sobre as oportunidades de debates e compreensão destes lugares que foram surgindo a partir dessas atividades e como os afetos que atravessavam estes encontros foram sendo acolhidos, entendendo as contribuições da terapia ocupacional no cuidado.

## Resultados

### **1. Situando contextos singulares : Escola Pública & Universidade**

Apresentados os percalços que atravessaram esta pesquisa, é preciso ainda apresentar as duas escolas que ganharam maior destaque durante as entrevistas e buscas dos arquivos do projeto. A primeira delas é a Escola Técnica Estadual (ETEC) Aristóteles Ferreira, localizada na cidade de Santos. A escola está localizada no Bairro Aparecida, região com várias opções de lazer (clube, shopping, praças, bares) e que se caracteriza por moradias com padrão elevado. A escola possui cerca de 15 salas de ensino médio, totalizando cerca de 600 estudantes que se distribuem nos vários cursos e categorias disponibilizados pela ETEC, são eles os cursos técnicos em Informática, Eletrotécnica e Mecânica, o ensino médio regular ou o integrado – que compõe o curso técnico e regular disponibilizados em período integral. Esta instituição recebe alunos de toda a baixada santista – formada por 9 municípios -, o que reflete numa característica da escola que é sua ampla interação cultural entre os jovens residentes destas várias regiões e a fluidez desta diversidade o que explica alguns aspectos da condição juvenil dentro do espaço territorial da escola (GONÇALVES, BORBA, 2020).

A segunda é a Escola Estadual Visconde São Leopoldo, também localizada na cidade de Santos, a escola se localiza na região do bairro do Macuco, bairro este atravessado por diversas questões de vulnerabilidade e violência as quais foram bastante possíveis de observar durante a realização das atividades, segundo as descrições feitas pelos entrevistados e também por análises dos diários de campo encontrados nos arquivos do projeto. A Escola conta com 10 turmas de ensino médio ofertadas no período da manhã e noturno. O território que circula a escola é bastante diferente do território da primeira escola citada, neste as casas seguem um padrão de classe baixa, há pouca oferta de espaços de lazer e pontos de prostituição e de vendas de drogas ficam evidentes durante todo o dia.

É importante elucidar que a compreensão de território, neste projeto, se embasa relembrando Mendes (2011) citando Cassab (2010) na ideia de que é nele que se concretiza as relações sociais, de solidariedade e de poder. Que é no território que o cotidiano é vivenciado e onde se dá suas práticas coletivas. E é exatamente neste espaço que o jovem experimenta sua vida cotidiana, realizando ações que, ao mesmo tempo, condicionam e são condicionadas pelo próprio espaço. (MENDES, 2011). E é neste território, nesta vivência diária, das violências, das perdas e dos acontecimentos que se deram as práticas das atividades.

...só que no começo do clipe, quando ele vai mostrar as fotos dos desaparecidos ele mostra a foto do Ricardo, que foi trabalhador da Unifesp. E aí tipo a gente fez uma introdução para explicar para eles o que era o movimento das mães de maio, para eles assistirem o clipe prestando atenção né? O que era o clipe e as mães de maio, que tinha o Ricardo. E alguns deles conheciam o Ricardo, então assim foi muito forte falar daquilo naquele território. O Ricardo morava ali. A escola é ali. Então foi muito forte falar disso. (Trecho retirado da entrevista com Bruna Reis – o clipe ao qual ela se refere é *chapa* do cantor Emicida. Ricardo, era funcionário da Unifesp, quando desapareceu depois de uma operação policial.)

E que para além disso para Milton Santos citado por Mendes (2011)

na medida em que o espaço é usado e apropriado, transforma-se em território usado e, assim, opera-se uma análise que considera a ação e o sujeito que a realiza. É no espaço, reconstituído e construído como território usado que os jovens se colocam. (p.5)

Neste sentido a aproximação da universidade com a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo se fez de grande relevância tanto para os jovens estudantes desta escola como para jovens universitários que compunham o projeto de extensão, segundo a entrevista com ex-aluna da instituição e agora estudante da UNIFESP, se instituiu uma nova percepção sobre o espaço em que eles passavam diariamente, tal como ela coloca em sua fala:



Antes do projeto chegar na escola eu não tinha participado de oficinas e eu não sabia da existência da Unifesp, apesar de ser caminho para minha casa, assim nunca parei para pensar, para olhar, o que que as pessoas estavam fazendo ali e acho que acabou que abriu os olhos assim um pouquinho ao meu redor né? (Trecho retirado da entrevista com Márcia Lima)

Alicerçados nessas considerações acerca do território, cabe refletir sobre as inúmeras possibilidades que as atividades da extensão representam para estes jovens, pois, para além das reflexões produzidas durante as oficinas, tornou-se possível, a partir delas, romper barreiras de dimensões urbanas colocadas pela engrenagem social vigente, permitindo um novo olhar sobre seu bairro, suas vivências e ademais experiências. E citando Brum (2014, p.188)

Bastava o reconhecimento do outro, vindo de um lugar legitimado... para que músculos oculares atrofiados pela falta de uso voltassem a se exercitar para enxergar a própria vida de outros ângulos possíveis... Olhar é um exercício cotidiano de resistência.

Expostos estas considerações sobre os territórios em que estas atividades foram realizadas, faz-se necessário compreendermos a complexidade na elaboração das mesmas, já que elas são propostas por um grupo composto por sujeitos que se inserem em diferentes campos de saber. Esta complexidade é vivenciada a partir da interdisciplinaridade, proposta como princípio direcionador da instituição à qual pertence a extensão norteadora deste estudo, a Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista.

...era um processo que era cansativo em si, porque a extensão foi um grupo de pessoas assim muito legal, muita gente com muita bagagem, com muita ideia, então assim, era uma explosão de coisas até a gente chegar em um consenso, mas eu acho que sempre funcionou super bem assim, mas sempre foi nesse modelo, de programar uma reunião para pensar a oficina e se organizar dessa forma e assim como tem gente de vários cursos, a gente chegou a ter gente da educa (sic) até, então a gente conseguia pensar por vias de todo esse contexto bem interdisciplinar. (Trecho retirado da entrevista com Bruna Reis)

A proposta interdisciplinar do campus Baixada Santista conta com os cursos de Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Educação Física, Serviço Social e Nutrição. Ela é sustentada pelo desenvolvimento de um *plano comum* entre os cursos, baseado numa lógica organizacional que há módulos comuns e módulos específicos, sendo nos módulos comuns onde os futuros profissionais trabalham juntos (FURUSATO, 2008).

A proposta de interdisciplinaridade tem por objetivo direcionar à uma prática profissional que visa compreender a integralidade dos sujeitos. A propósito o implemento deste plano de ensino há muito vem sendo discutido no campo da saúde como um planejamento que rompe com as barreiras de um conhecimento segregado e engessado, que impossibilita o conhecimento do todo, já que desmembra o ser biológico do ser social,

empobrecendo o conhecimento da integralidade do ser. Para tanto a interdisciplinaridade entrelaça os saberes e gera novas formas de compreensão acerca das inúmeras partes que compõe o ser humano e suas experiências em sociedade trazendo assim potência para as discussões acerca da vida e dos seres que à compõe (FURUSATO, 2008).

Segundo Bordoni (2002) citado por Furusato (2008) assumir a interdisciplinaridade é garantir aos sujeitos a autoria na elaboração do conhecimento, resultado das suas vivências históricas e sociais nas quais estes mesmos sujeitos se apropriam, no deslocamento advindo das perguntas propostas por suas inquietações acerca do juízo de si, em relação à sua subjetividade e as propostas de investigação, num exercício cooperativo e reflexivo.

Este conceito aplicado às atividades da extensão é percebida pelos membros que a compõe como uma forma de crescimento e amadurecimento das ideias propostas, já que as diferenças dos campos de saberes específicos trazem ao grupo uma composição mais rica e com a potência de analisar e investigar de vários pontos de vista, em outras palavras, dos seus núcleos específicos de saberes em formação somado às suas experiências prévias de vida e profissionais, uma nova realidade, cabendo assim, novas perspectivas, diversidade de saberes e de atividades para as oficinas, além de refinamento na condução das práticas, já que o acúmulo de experiências também impulsiona novas versões de si.

... eu penso que sim havia diferenças, mas as diferenças elas não eram barreiras, elas eram complementos, ou seja, elas incentivaram a gente a refletir, a repensar, a partir do que o outro estava dizendo e considerando a formação do outro e considerando a minha formação. Eu acho que em muitos momentos aconteceu isso. De ter pessoas, por exemplo, da psicologia, do serviço social, da terapia ocupacional, contribuindo juntamente para chegar num determinado lugar, porque o lugar final a gente sabia muito bem e todo mundo queria que fosse o mesmo, mas os caminhos às vezes eram traçados de forma diferente. E aí eu acho que isso só potencializava o trabalho, né.” (Trecho retirado da entrevista com Giovana Zanchetta)

Cabe nesta discussão compreender o contexto universitário no qual esta dimensão da interdisciplinaridade acontece. E é neste espaço de troca de saberes que a Terapia Ocupacional se insere num sentido de compor com a equipe num processo de mediar as ações propostas, e os embates que podem vir a acontecer, dentro do grupo organizador das oficinas. Desse lugar não podemos entender como um campo de disputa, uma vez que estamos no campo formativo e na defesa do que se considera uma ação interdisciplinar, assim conforma-se como campo de reflexão, composição de saberes e posteriormente, é traduzido em uma proposta de ação, que por sua vez também ocorre de forma interdisciplinar. Em

outros termos, a composição destes distintos saberes traz mais sentido às práticas vigentes neste projeto de extensão, que está baseada na dialogicidade como um dos métodos interventivos (FREIRE, 2005, 1992).

Segundo a concepção freiriana o diálogo é mobilizador para a emancipação dos sujeitos (FREIRE, 2005, 1992). Segundo Freire (2005) citado por Borba (et al, 2019) é pela humanização que se atinge a libertação de condições de opressão e desumanização, portanto, para Paulo Freire o diálogo não é apenas instrumento a ser utilizado em mediações, mas sim a ferramenta determinante para a libertação do oprimido. O pedagogo compreende que o diálogo traz como preceito o amor, confiança, humildade, fé na potência humana e na esperança, alegando, portanto, que o diálogo é um ato de criação. (FREIRE, 2005)

As atividades promovidas pelo projeto de extensão são recursos que possibilitam trocas de saberes e expandem as reflexões críticas acerca de temáticas relevantes a partir das perspectivas dos próprios jovens, uma vez que os concebe como ator social (DAYRELL, 2003). E a partir delas, diálogos com um posicionamento pautado no eixo da cidadania (LOPES et al, 2016) e no quadro dos direitos humanos (PAIVA, 2006) tornam-se possíveis e para além disso, traz também como princípio norteador o objetivo de uma constante criação e ampliação de vínculo de confiança entre os participantes da oficina – estudantes secundaristas – e os mediadores – estudantes de graduação. No próximo subitem iremos nos debruçar mais sobre os componentes grupais que compuseram as proposições realizadas e lembradas pelo Juventudes & Funk.

### ***Componentes para o fazer grupal***

Após compreendermos os referenciais que dão a base para a elaboração das atividades que observamos, seguimos apresentando a primeira categoria analisada. Esta categoria foi nomeada como ***componentes para o fazer grupal***. Conseguimos identificar quatro eixos facilitadores que compuseram este fazer grupal, que foram eles o ***vínculo***, a ***idade***, a ***frequência*** e a ***capacidade criativa***.

Levamos em consideração as respostas trazidas pelas entrevistadas acerca de suas percepções durante sua participação no projeto. A intenção desta categoria de análise é compreender como se dava a dinâmica formada pelos grupos durante a execução das atividades propostas, como se dava a interação desta organização e como se construía as

possibilidades para reflexões e consequentes transformações no cotidiano dos sujeitos – jovens - que integravam estes espaços de troca.

Para Bastos (2010) que toma como referência as proposições de Pi re Pichon, o trabalho com grupo tem por objetivo impelir uma sequência de compreensões acerca dos indivíduos participantes deste. Aprender em grupo potencializa uma visão crítica do que   concreto, uma atitude investigatória, um abrir-se às perguntas e às vigentes indaga es.

Observando a fala de uma das colaboradoras da equipe percebemos que   justamente neste processo da dinâmica do grupo que se torna possível o aprendizado de algo novo, que contribui para um impulso investigativo, que gera possíveis novas compreensões e versões de si e do outro e que marca a trajetória dos indivíduos que são apresentados   novas dinâmicas de aprendizado, num formato que se instaura horizontalizado e acolhedor.

“Porque eles sempre lembram da gente, eles sempre lembram do quanto foi importante aquilo na trajetória deles, do quanto mudou aquilo, tipo, alguns a gente sabe que mudou, a gente vê a Márcia e tal, a gente vê as meninas do grupo da Márcia que eu tenho mais contato, mas quando você encontra um jovem que você não faz ideia do que está fazendo e ele fala que aquilo foi importante para ele, eu acho que isso não tem, nossa, eu acho que   a maior contribui o... você v  a mudança acontecendo mesmo têm, tipo deles mudarem a forma de pensar, de ativarem o senso crítico, tipo, deixa eu realmente problematizar uma coisa que eu não tinha pensado no meu cotidiano... E para além dos adolescentes, da gente e de todo mundo que acaba cruzando (com o projeto).” (trecho retirado de entrevista com Bruna Reis.)

Segundo Lopes et al., (2014) citada por Pan (2019) as atividades são capazes de gerar a cria o de trocas e conexões entre os participantes, reconhecimento de si e do outro, melhor convivência nas diferenças, redefini o dos lugares, promove pertenc a, e amplia o de repertório, e tal como mencionado pela Bruna Reis, essas mudanças não são só de quem participa da oficina como o público destinatário, mas têm para quem faz, planeja e executa e para outros atores que não estão diretamente envolvidos - educadores das escolas e as próprias famílias dos jovens.

Durante a execu o das atividades o vínculo foi apontado como suporte básico para que estas fossem de fato colaborativas e produtoras de novas análises sobre o cotidiano. E, segundo Gayotto (1992) o vínculo tece uma complexa estrutura de rela o que a partir de sua internaliza o vai possibilitando ao sujeito formas distintas de interpretar a realidade própria

de cada um. E na experiência com os outros nós nos desenvolvemos por meio de uma narrativa vincular que vai se elaborando nessa convivência.

Essa foi a primeira vez que eu me vi chorar numa oficina, sabe, tipo, foi aquele baque. Eu falei – meu Deus do céu, o buraco é muito mais embaixo do que a gente acha sabe? – e foi a primeira vez que a gente conseguiu estabelecer uma relação assim real com as meninas do Visconde. E a Márcia estava nessa oficina, foi o primeiro contato com a Márcia e com o grupo de amigas dela, que também foi super presente na extensão. E aí depois disso a gente ainda conseguiu levar eles para conhecer a Unifesp, foi a primeira vez que a Márcia descobriu que tinha psicologia na Unifesp, e que ela se interessou e disse que queria isso daqui eu vou estudar aqui. Então assim, foi uma oficina super marcante assim para mim. (trecho retirado da entrevista com Bruna Reis)

A “trama vincular” é costurada a partir das atividades realizadas pelos grupos e este grupo, dividindo o mesmo tempo e espaço, possibilita aos participantes uma construção de papéis que tornam possível a relação dentro deste grupo. (BRUNELLO, 2002)

Esse vínculo muitas vezes foi associado ao afeto e este era vivenciado principalmente no interior do grupo de colaboradores do projeto, entre as extensionistas que pensavam e executavam as atividades e as coordenadoras daquele. Este afeto aparece como fonte de motivação para o estreitamento do vínculo e a sensação muitas vezes expressada era de que estes dois sentimentos geram um cuidado com o coletivo. Este cuidado também foi levantado como elemento importante para a conformação do grupo, principalmente nos momentos em que a convivência e os conflitos, às vezes associados ao fator da interdisciplinaridade, surgiam dentro da equipe.

Então a gente tem essa questão do afeto e acho que isso tem tudo a ver com a forma como a gente se organiza, com a coordenação das coordenadoras, com a forma como elas lidam (...) mas acho que foi um aprendizado assim, o aprender a lidar, com o próprio ambiente da vida de trabalho dali pra frente que vai ser assim. Então eu acho que foi um super, mais até que meus estágios, o juventudes me ensinou muito essa questão do viver em coletivo, trabalhar no coletivo e ter relações para além do profissional.” (Trecho retirado da entrevista com Bruna Reis)

Para Brunello (2002) esta percepção se dá pois, o vínculo é uma condição básica para que os indivíduos interajam através do interjogo de papéis, segundo Pichon-Rivière (1998), quando um sujeito se torna significativo ao outro, configurando uma estrutura de relação interpessoal que inclui, um sujeito, um objeto, a relação do sujeito frente ao objeto e a relação

do objeto frente ao sujeito, cumprindo os dois uma determinada função, gerando, então, determinadas condutas.

“... Do cuidado que a gente sempre teve das coordenadoras e do grupo em si, de se cuidar, de lidar, de tipo e acho que lidar com o coletivo, que sempre foi um coletivo muito grande, inter, várias pessoas diferentes.” (trecho retirado da entrevista com Bruna Reis).

Nas propostas grupais, em especial, nas oficinas, o estabelecimento do vínculo também aparece correlacionado com a questão da *idade*, justificada por uma certa cumplicidade que era estabelecida em decorrência da relação entre os pares, jovens secundaristas-universitários.

A juventude é um período do desenvolvimento em que as relações entre os pares se constituem de maneira bastante consistente já que é a partir dessas vinculações sociais que os jovens tendem a decidir suas condutas, seus gostos, valores e decisões. (SANTOS, 2013). Além disso, é neste período que as conexões fora do ambiente familiar vão se construindo, o que proporciona a concepção de pertencimento em relação ao grupo de pares, de iguais. (SANTOS, 2013 apud ROMANELLI; PRIETO, 2002).

Para as entrevistadas, o fator idade, ou seja, o fato de possuírem uma idade próxima ao público destinatário do projeto de extensão, aparece como um possível fator que facilita o reconhecimento do outro, pois, muitas vezes, era este elemento que propiciava o ponto de partida para costurar o enredo das trocas e por consequência das atividades. Destacavam-se ainda alguns entraves geracionais que perpassavam as atividades quando alguma pessoa adulta que representava uma figura de autoridade participava das mesmas.

Este elemento nos leva a refletir sobre como a hierarquização é naturalizada mutuamente nas condutas entre os adultos e os jovens. Esta interpretação inicial de que o adulto será sempre uma figura autoritária e a compreensão de que respeito está interligado ao silenciamento pode levar os jovens a evitar novos processos de aprendizagem. Esta conduta enraizada por uma cultura de submissão se apresentava como um importante elemento no momento do delineamento da atividade, já que esta tinha maior adesão a partir desta assimilação entre a idade do condutor e a participação na atividade.

“...acho que o que deixa mais fácil é a proximidade da idade, né, então assim, essa questão dos pares... a abertura é muito diferente assim, eu acho que a gente percebe que

quando a Cris ou a Pati estão na oficina, não que não role, mas às vezes demore um pouco mais para fluir.” (trecho retirado da entrevista com Bruna Reis)

A forma hierarquizada como as relações são construídas no cotidiano, condiciona aos jovens, acostumados a serem postos nessa posição, uma naturalização de invalidação de suas auto percepções e vivências. Ao se reconhecer no espaço como possível ‘dono’ da construção do enredo e produção da atividade, mesmo que de forma lenta e gradual, a elaboração da atividade se dá de maneira mais fluida, principalmente quando há este reconhecimento na figura do condutor da atividade. É importante ainda acrescentar que a condução das atividades a partir de uma figura adulta é possível a partir do momento em que este adulto se mostra também disposto a se colocar no lugar de escuta ativa e promotor de uma troca horizontal.

Outro elemento apontado nas entrevistas como favorecedor do desenvolvimento de um grupo coeso e sólido foi a frequência em que eram feitas as atividades. De acordo com Saidon (1982, p.184) citado por Brunello (2002, p.10) *“um conjunto de indivíduos ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua mútua representação se propõe, de forma implícita ou explícita, a uma tarefa que constitui sua finalidade, interagindo através de complexos mecanismos e assunção e adjudicação de papéis.”*

Este elemento foi mencionado por dar continuidade ao vínculo criado a partir das vivências das atividades e que sem ele o distanciamento dos sujeitos da atividade acontecia mais rapidamente e o aprofundamento das discussões eram dificultadas. Além disso, a frequência das atividades foi associada como fator que atrelava os estudantes, facilitadores das atividades, como referência da Universidade dentro do espaço da escola.

“...ele foi mais espaçado assim e a gente nunca tinha uma sala fixa, a gente ia assim em momentos aleatórios, que foi os jovens digitais (projeto), foi mais difícil de construir vínculo, mas nas vivências anteriores que tinha cada um, cada extensionista tinha uma sala fixa e tava lá pelo menos uma vez na semana, ou uma vez a cada duas semanas, o vínculo ia construindo super mais fácil. Eles viam na gente uma referência da Unifesp...” (trecho retirado da entrevista com Bruna Reis)

“Acho que o vínculo se dava através da vivência das oficinas, ou seja, da convivência. Não vai existir vínculo sem convivência... eu entrei na extensão a gente fazia duas oficinas quase por semana..., eu saí da extensão, fazendo uma oficina por mês... então assim, acho que isso que influenciou muito na criação do vínculo, tanto em relação aos jovens quanto à instituição.” (trecho retirado da entrevista com Giovana Zanchetta)

A capacidade criativa, competência esta que se dá a partir da experiência de campo atrelado a um olhar técnico e atento às reações do grupo e aos desfechos que as dinâmicas grupais promovem. Diante das problemáticas que podem surgir, a construção desta ferramenta sustenta uma composição de recursos mais assertivos para a condução das atividades, principalmente no que diz respeito à gestão das mudanças rápidas de estratégia necessários diante de questões conflituosas ou até mesmo de uma baixa adesão às práticas propostas.

Estas situações problemáticas são esperadas já que afetos são ativados diante das provocações que podem surgir durante a construção desses grupos. E a resistência às novas reflexões são incitadas por meio de medos básicos de perda com vínculos anteriores, o que provoca estes distanciamentos e indisponibilidade para a aprendizagem, no sentido de investigar outras maneiras de se conectar a novas realidades e enfrentar novas situações. (BRUNELLO, 2002)

“E aí teve uma reação muito negativa, que eles ficaram muito bravos assim com a gente, chegou na direção da escola, que o filme não era pra adolescente dessa idade, que o filme era violento. E aí a gente teve um super trabalho para pensar coletivamente como resolver isso, por que a gente já tinha programado tipo, que o filme era disparador e a gente programou uma oficina pra depois, mas que a gente precisou jogar para uma ou duas semanas depois pra gente repensar como que ia fazer isso, por que foi muito difícil assim com a escola.” (Trecho retirado de entrevista com Bruna Reis)

“...já tive momentos com certeza de estar numa oficina e ter algum adolescente que falou que não tava gostando daquilo e aí você tem que rapidamente mudar aquilo tudo. Ou você vê que a oficina não tá rolando mesmo, eles não falaram que não estão gostando, mas tá horrível o clima, sabe? Então isso também é difícil. E também já tive momentos de adolescente olhar para mim, que não gostava do jeito que eu tava fazendo, e aí você tem que engolir aquilo, e falar puuts, tô fazendo errado, eu preciso mudar, eu preciso melhorar, ou você não tá fazendo errado, ou não bateu naquele momento, mas você não levar para o pessoal, não fazer aquilo desmotivar tudo. Então assim, foram muitas sabe, hoje eu lido melhor com o negócio do improviso assim.” (Trecho retirado de entrevista com Bruna Reis)

Considerando estes quatro eixos que foram surgindo durante as análises é possível identificar que a construção das atividades passa por diversos processos, desde a proposta até sua execução, diversos fatores são impostos, pensados e articulados para que o objetivo de fomentar novas ideias acerca do mundo e de si sejam atingidos. Levar a proposta das atividades para dentro do ambiente escolar fomenta a emancipação de uma estrutura hierarquizada e violenta para um processo de aprendizagem dinâmico, com capacidade de



escuta, de reconhecimento das vivências e para além disso possibilita aos jovens a experiência de conhecer um novo projeto de vida e de abrir os horizontes para uma nova realidade.

Produzir estas atividades dentro do ambiente escolar é uma forma de fomentar o fortalecimento da instituição no que diz respeito às suas atribuições diante da juventude, já que cabe a educação criar um espaço com liberdade de expressão e criação, um lugar onde há possibilidade para a tomada de consciência, que desenvolve cidadãos capazes de dirigir sua própria vida e participar ativamente da construção de uma nova sociedade. (Pan e Silva, 2016 apud Nosella, 2004, 2008)

O potencial para a construção deste lugar seguro de troca que as oficinas ofertavam para estes jovens direcionou este estudo para uma nova categoria de análise que será apresentada a seguir:

***Os sentidos e os espaços criados pelo projeto de extensão e a potência dos afetos à leitura da terapia ocupacional.***

Conforme Pan (2019) citando Nascimento (1990) e Barros et al., (2002) para a terapia ocupacional, a atividade, cerne de suas práticas, foi compreendida como recurso abstrato que, intrinsecamente, quando utilizados como método de mediação, teria “propriedade terapêutica”. Com o surgimento de “novas” áreas da terapia ocupacional, como a área social, a atividade passa a ser compreendida através do contexto onde essas são produzidas, compreendendo então, as propostas a partir da complexidade das dimensões sócio políticas, econômicas e culturais dos indivíduos que participam dessas. (PAN, 2019 apud BARROS et al., 2002). E ainda,

por intermédio desse instrumento de trabalho, sobre o qual o terapeuta ocupacional deve ter domínio, pode-se conhecer o universo imediato dos sujeitos, ampliando significativamente a possibilidade de criação de vínculos e com isso gerar oportunidades para uma atuação profissional que contribua para a construção conjunta de planos e projetos [...]. A utilização da atividade possibilita o aprendizado e o reconhecimento de necessidades do sujeito e o desenvolvimento da capacidade deste para buscar soluções próprias e criativas para suas questões. Criam-se potencialmente espaços de experimentação e aprendizagem, concebendo cada participante como ser ativo no processo de construção de subjetividade, um ser da práxis, da ação e da reflexão (LOPES et al., 2014, p.595 apud Pan, 2019)

Dentro do contexto das escolas as atividades realizadas possibilitaram um espaço de acolhimento para os jovens, que ao se confrontarem com as problemáticas da vida cotidiana puderam reconhecer as questões sociais que os perpassa, instrumentalizando-os a perceber e encarar os conflitos, os quais a vivência de um ambiente escolar menos aberto ao diálogo e com diversos conteúdos que devem ser cumpridos, adiam o entendimento dessas demandas da vida informal. E para além disso, favorecia o aprendizado para uma escuta ativa, que permitiam uma maior troca e conseqüentemente, maior lugar para discussões, reflexões e transformações acerca das questões do cotidiano e da própria vivência diante do mundo.

“... as oficinas são sem dúvida um espaço de acolhimento né, por que esse trabalho de pares acaba proporcionando uma quebra desse ambiente escolar punitivo, desse ambiente escolar conservador, precário, e acaba trazendo um pouco de um espaço de acolhimento, pra debater várias coisas que geralmente a escola não consegue acolher, nem no seu currículo, nem no seu dia-a-dia.” (trecho retirado da entrevista com Giovana Zanchetta)

“...foi um momento onde elas entenderam a condição de gênero, assim, não a condição de gênero porque acho que isso é uma coisa muito ampla, mas elas conseguiram dar nome para as violências que elas sofriam no cotidiano. Eu lembro de uma fala de uma menina inclusive que ela contou uma história rindo, tipo ela tava rindo assim, de um dia que ela voltando ou indo para a escola dentro do ônibus e aí um cara tipo se masturbando e olhando para ela. E ela começou a rir assim, contar dessa situação rindo, tipo de nervoso, e aí ela perguntou, a mas isso é assédio? [...] e aí vieram relatos assim, da violência cotidiana, da violência doméstica, da violência entre a relação de pares né.” (trecho retirado da entrevista com Giovana Zanchetta)

É importante perceber que apesar deste cenário nos direcionar a perceber as fragilidades do nosso sistema de ensino, nos deixa claro a potência que o contexto escolar representa para os jovens, já que é neste ambiente que a rotina, principalmente do jovem pobre, acontece. Proporcionar esse lugar de escuta e de reconhecimento facilita o desembaraçar do olhar para um futuro diferente do que é entregue a eles, dado as poucas e enfraquecidas políticas públicas direcionadas a esse público. É experimentando novos cenários e novas alternativas que os capacita a vislumbrar novos sonhos e principalmente compreender que eles são possíveis.

“Gerou uma expectativa, de tipo, caramba... na época uma das meninas estudava psicologia, que era o que eu queria estudar e aí eu fiquei tipo, com muita expectativa de tipo, caramba, isso é público e então pode estar ao meu alcance, se eu me esforçar e etc. E então gerou muito assim, a primeira vez que eles foram eu ficava: mas vocês vão voltar? Vai ter

outra? e foi indo assim sabe, tipo, essa curiosidade do novo.” (Trecho retirado da entrevista com Márcia Lima)

“... e a gente ficou falando sobre a diferença entre ser mulher e ser homem e tal, e até então a gente não tinha apontado o machismo como um problema, ninguém tinha falado a palavra e nisso surgiu sabe tipo, qual é o problema da sociedade para as mulheres? Óbvio que com 15, 16 anos a gente não tinha uma noção do que era o patriarcado e essas coisas e aquilo foi apresentado pra gente e foi tipo um pouco mais também sobre o feminismo que na época, confesso, eu falava: a eu concordo com os direitos das mulheres, mas ser feminista é um palavra muito forte e tipo, uns meses, dois meses depois, que eles realmente apresentaram para a gente que não era um bicho de sete cabeças que parecia ser.” (Trecho retirado da entrevista com Márcia Lima)

Observando esta fala e lembrando Pan e Silva (2016) é a partir deste cenário que precisamos compreender a importância de utilizar métodos que emanem dos interesses dos sujeitos da intervenção permitindo que sejam eles o centro delas, de maneira “atuante e participativa”, fazendo com que a atividade ganhe sentido e permitindo que eles se reconheçam no processo. Garantir este lugar de centralidade para os jovens só é possível quando a equipe que coordena a oficina se permite entrar nesse processo com o intuito de assumir esse papel de mediador atento às entrelinhas e aberto ao diálogo e à compreensão da linguagem deste núcleo diverso. É importante salientar que o trabalho produzido pelo Juventudes coaduna com esta perspectiva e se empenha em defender este contexto mesmo diante de limitações.

“... a gente fazia uma primeira oficina, pra tentar também captar o que os jovens gostariam de debater, quais eram os caminhos que a gente poderia traçar né, então a partir disso a gente pegava e já colhia todo um material que saia dali, pensando na expectativa dos jovens, mas também, no que nesses temas, nas coisas que eles gostariam de debater.” (Trecho retirado da entrevista com Giovana Zanchetta)

“ E eu me sentia muito bem depois, porque tipo, todo mundo falava que eu não calava a boca, tipo, porque eu me senti, eu me identifiquei de cara assim com os assuntos e eu e as minhas amigas a gente sempre foi tipo, a gente não falava muito, mas quando chegava o povo da Unifesp, parecia que a gente tava (sic) no nosso espaço. Então elas despertavam bastante essa voz na gente, sabe? Também acho que por ter mulheres incríveis ali, e a gente ficava bem animadas assim tipo, que nos incentivaram a falar, e aí a gente falava mesmo.” (Trecho retirado da entrevista com Márcia Lima)

Algumas limitações apontadas como fonte de enfrentamento para as oficinas era justamente o ambiente escolar em seu projeto arquitetônico, a relação com as salas

fechadas e cadeiras enfileiradas, e as imposições hierárquicas, muitas vezes sutis, que divide os alunos em seres sem conhecimento e os professores como os únicos detentores de saber, que hierarquiza e condena a educação à uma bagagem única e unidirecional. Mesmo com as tentativas de formar círculos com as cadeiras e trazer um novo palco, as resistências acontecem e alguns distanciamentos eram percebidos por parte de alguns alunos menos dispostos a experimentar um novo formato de aprendizado.

Almeida (2014) esclarece que na rotina escolar as regras e a disciplina são condições constantes e que é através deles que a hierarquia e a autoridade são estipuladas estabelecendo *“as relações de poder entre o aluno e a escola. Isso pode ser percebido na disposição das turmas, na interação e no arranjo dos corpos durante as atividades escolares e na organização do trabalho escolar.”* (p.275). E ainda nos aciona a perceber as disposições espaciais das carteiras dos alunos e a dos professores e a maneira passiva como se dá a entrega dos conteúdos, nos levando a observar o condicionamento na postura pouco participativa dos alunos.

“o espaço físico da sala de aula ele é um espaço cansativo, é um espaço onde a gente tem uma leitura crítica sobre isso. Só que aí fazer as oficinas, que traziam uma abordagem totalmente diferente de discussões etc, dentro daquele espaço acho que foi uma grande barreira assim, eu acho que se a gente pudesse usar outros espaços, talvez os resultados seriam diferentes assim, nessa formação do vínculo.” (Trecho retirado da entrevista com Giovanna Zanchetta)

É possível perceber que a tentativa de rompimento com essa estrutura, há tantos anos defendida pelas escolas como um plano de ensino, traz grandes desafios não só na elaboração de atividades com os alunos, mas também com as gestões das escolas, que muitas vezes não estão em consonância com os conteúdos debatidos nas oficinas e causam questões relevantes para a realização das mesmas.

Contudo, é importante avaliarmos que apesar das dissonâncias enfrentadas, o trabalho em debater sobre as posições que a escola e a gestão têm diante os jovens, a entrega de momentos de reflexão e a perseverante tentativa em afinar as parcerias com escolas e universidade, gera frutos generosos alinhados à um objetivo maior de transformações da realidade da consciência e da realidade concreta das pessoas que têm contato com o projeto.

“A gente teve um episódio recente assim, na gestão da ETEC. A gente tava (sic) em uma reunião com a diretora e ela falando tipo, falou sobre o tema do projeto interdisciplinar e

tipo: não, porque os adolescentes da ETEC eles falam racismo, não falam discriminação, preconceito. E ela falando que é porque aqui na escola a gente ensina que não é bullying, bullying é o nome de uma discriminação, ou é bullying, ou é racismo ou é LGBTQfobia ou é machismo e tal. E ela falando isso e a gente nossa que da hora que ela pensa assim. E uma hora ela falou: uai, eu acho que foram vocês que me ensinaram isso.” (Trecho retirado da entrevista com Bruna Reis)

E ainda levando em consideração as reflexões de Pan e Silva (2016) as ações tomadas pelo grupo de extensão em conjunto com as diretrizes do plano escolar, produzem efeitos diretos e indiretos, compreendendo que a educação e o ensino produzem impactos na formação ética e profissional destes jovens, conduzindo-os seja à novos roteiros de vida, como à relações sociais mais respeitadas e mais compromissadas com os direitos e deveres da sociedade.

“E com certeza participar das oficinas trouxe uma nova perspectiva porque literalmente mudou a minha vida né, mudou os meus caminhos e foi importante, tipo a repercussão das oficinas na minha vida foi 100%, porque eu considero isso como, tipo, conhecer o juventudes, foi o ponto principal da minha formação de caráter político, de tudo, e acadêmico também né, porque graças ao juventudes eu tô na Unifesp hoje.” (Trecho retirado da entrevista com Marcia Lima)

Para além das perspectivas das produções diretas das oficinas que tramitam na produção de conhecimento sobre os direitos que esses jovens possuem, podemos também refletir que para chegar à eles a condução dos debates devem ser atribuídos das dimensões do cuidado. Que segundo Tronto (2007) o cuidado numa sociedade que se quer efetivamente democrática deve ser uma peça central das suas discussões. Pan (2019) citando Tronto (2007) discorre que para que o cuidado tenha essa dimensão viável de centralidade numa sociedade democrática é preciso analisar três dimensões: a percepção de que dentro de uma sociedade somos (co)responsáveis pelo cuidado um do outro, paridade ao alcance do cuidado e percepção de suas múltiplas necessidades, garantindo aos sujeitos participação indiscriminada dos seus pleitos de cuidado, envolvendo inclusive, serviços profissionais.

Analisando estas proposições podemos perceber que as ações do projeto de extensão estão em consonância com um cuidado democrático, visto que suas redes internas e externas geram laços de amizade e afeto, que juntos pressupõe cuidados mútuos, que geram ganhos profissionais e pessoais para os participantes. Além disso, as preocupações em garantir que as atividades sejam pertinentes à quem vai ser oferecida, que sejam lúdicas,

interativas e atrativas para o público, além da constante paciência e criatividade em oferecer espaço para todos os tipos de ideias e mediação para os conflitos que possam surgir entrelaçando as perspectivas de um trabalho amoroso e cuidadoso, que pressupõe, na visão da direcionadora deste estudo um ato de cuidado

## **CONCLUSÕES**

Este trabalho buscou (re)conhecer algumas das contribuições do projeto de extensão na formação dos estudantes da graduação e também visou pontuar algumas discussões e explicitação das contribuições da Terapia Ocupacional Social na criação das tecnologias sociais, explicitando as contribuições dessa área de conhecimento e também apontando alguns dos desafios imbricados pelo trabalho interdisciplinar.

Como primeiros apontamentos conclusivos pudemos perceber que, os espaços educativos articulados às propostas das atividades do projeto do Juventudes e Funk, firma com responsabilidade a necessidade de intervir de forma ativa na realidade dos jovens, que são chamados a enfrentar as zonas de isenção e passividade diante da vida, e, conseqüentemente, reelaborar suas reflexões sobre questões sociais, raciais e de gênero, que os envolvem e que anterior à estas proposições poderiam passar sem serem questionadas diante seu cotidiano.

Um novo olhar, uma nova versão de si, são grandiosos legados que podem ser ofertados para uma juventude que enfrenta as incertezas, a violência e o reduzido acesso ao lazer, cultura e emprego. E é preciso ressaltar que o estabelecimento e ou fortalecimento de uma nova rede de apoio, antes restrito ao seu diminuto espaço de circulação, possibilita a interação com novos grupos de pessoas, e, conseqüentemente, o contato com novas ideias e cenários, direcionando essa juventude, que vivencia conflitos diários na construção de sua identidade, pensamento e posicionamento, à expansão dos seus núcleos de influência, possibilitando reformular e ou conceber seus projetos de vida.

Como se referia Paulo Freire em *pacientes impacientes* é necessário que nós, como também educadores, tenhamos o compromisso de encarar e encarnar que não estamos sozinhos no mundo. E que, portanto, para nos reconhecer no outro, precisamos mais “falar contigo” do que “falar a ti”, pequena troca de palavras que carrega um significado ativo para uma troca de saberes efetiva e horizontal. Estimular o protagonismo de quem é negligenciado por um Estado opressor, que não garante seus direitos mínimos, é ir ao encontro com a construção de uma sociedade menos injusta e endurecida mediante às necessidades humanas.

Outro ponto de fechamento das análises deste projeto é, em visitando as contribuições de Silva (2016), que os espaços formativos formais e informais irrestritos, a luta por uma educação pública de qualidade, *a construção de ações e estratégias para o rompimento e superação do sistema educacional (p.321)* são um lugar fundamental para que a terapia ocupacional se instale. Profissão esta, que se debruça desde sua cerne a produzir fomento teórico-metodológico próprio, na intenção de construir, durante a formação profissional, a capacidade de um olhar treinado e habilitado à perceber as nuances das vivências em grupo e por consequência ser capaz de contribuir para a transformação da trajetória dos sujeitos.

A construção histórica da Terapia Ocupacional no Brasil se dá num momento em que efervescia no país os movimentos sociais, o que faz com que a profissão passe a desenvolver *as revisões dos seus postulados (p.18)* baseados em debates que se posicionavam a favor de temas relacionados às questões sociais, refletindo sobre uma prática técnica e política que alicerça fundamentalmente as proposições da terapia ocupacional social (LOPES, MALFITANO, 2016)

No contexto escolar, a Terapia Ocupacional Social se insere com o pressuposto de articular políticas públicas e fortalecer a rede de apoio da comunidade que compõe as escolas públicas, compreendendo esse espaço como um equipamento social propício às práticas que favoreçam a participação em atividades que propiciem a convivência, o aprendizado e construção de um ambiente democrático (PAN, SILVA 2016).

Tais colocações sobre o arcabouço teórico-metodológico da profissão nos dá condição de compreender a importância da inserção de um profissional da Terapia Ocupacional em projetos como o trabalho desenvolvido pelo Juventudes e Funk, já que em sua formação, este profissional acumula experiências com o público jovem e com o espaço da escola com uma leitura que transcende o enfoque da medicalização, atribuída ao embasamento da profissão no

campo da saúde, e assume um papel de auxiliador nos manejos das atividades em grupos e em sua forma de conduzir o cuidado.

Portanto, é importante acrescentar que o Terapeuta Ocupacional fertiliza esse campo de saber, relacionado as condução de atividades grupais, por possuir saberes próprios, que são baseadas em seus métodos práticos e teóricos, para a construção de um plano coerente e inventivo que promova o cuidado, o vínculo, a escuta e o incentivo à novos projetos de vida. Empiricamente, as análises das categorias apresentadas neste projeto revelam a bagagem desta ação de uma terapeuta ocupacional em formação por apresentar em seus direcionamentos teóricos as dimensões do cuidado e da escuta como balizadores de suas investigações acerca da condução dos grupos de atividades.

Por fim, vale apontar que a experiência do formato interdisciplinar que a instituição, e por consequência, o projeto assumem, garante ao grupo grande capacidade produtiva em relação às inúmeras possibilidades de recursos utilizados contribuindo ainda mais para um repertório de atividades vasto, o que garante uma maior aceitabilidade do público destinatário das atividades e por consequência maior assertividade no momento de cativar os jovens e atingir o que se definiu enquanto o objetivo nas Oficinas.



## Referências Bibliográficas

- BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia Ocupacional Social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. São Paulo – SP. V.13, n.2, p.95 - 103, 2002.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Projeto Metuia: apresentação. In: SIMPÓSIO DE TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL, **Anais do X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional: contextos, territórios e diversidades**, 10. Goiânia : Associação dos Terapeutas Ocupacionais de Goiás e Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais, 2007, s/p.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. Terapia Ocupacional Social: Concepções e Perspectivas. In: Alessandra Cavalcanti; Claudia Galvão. (Org.). **Terapia Ocupacional - fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Ko Koogan S.A., 2007, p. 347-353.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, vol. 26, pp. 329-376, 2006. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000100014>
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo : Cortez, 1990.
- BRUNELLO, M. I. B. Terapia Ocupacional e grupos: uma análise da dinâmica de papéis em um grupo de atividade. **Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 13, n. 1, pp. 9-14, abr. 2002.
- BASTOS, A.B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicol inf.**, São Paulo , v. 14, n. 14, p. 160-169, out. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso)>. aAcessos em 04 jun. 2020.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 2 p. 24-52, 2003.
- FONSECA, C.; CARDARELLO, A. Direitos dos mais e menos humanos. **Horizontes Antropológicos**, ano 5, n. 10, pp.83-121, maio, 1999.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, pp. 1-382, 2006

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido** (4a ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURUSATO, M. A.. **A interdisciplinaridade e a proposta do campus Baixada Santista: uma análise documental**. 2008. 103 f. Tese (Mestrado) - Curso de Ciências, Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOPES, R. E., *et al.* Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.17, n.3, p.63-76, 2008.

LOPES, R. E. *et al.* A formação de recursos humanos no território: a experiência do Núcleo UFSCar do Projeto METUIA no desenvolvimento de extensão, ensino e pesquisa. Anais do XI Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional. São Paulo. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, 2008b, v. 19, p. 119-125.

LOPES, R. E.; SILVA, C. R.; MALFITANO, A. P. S. Adolescência e Juventude de Grupos Populares Urbanos no Brasil e as Políticas Públicas: Apontamentos Históricos. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.23, p. 114–130, set. 2006.

LOPES, R. E *et al.* **Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade**. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 591-602, 2014.

LOPES, R. E *et al.* **Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional**. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 15, n. 36, p. 277-288, Mar. 2011

PAIVA, V, et al. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. **Rev Saúde Pública**, v.40, pp. 109-119. São Paulo, Abril. 2006.

PAN, L. C.; SILVA, da M. J.. A escola pública como temática para Terapia Ocupacional Social. In: LOPES, R; MALFITANO, A.P. (Orgs.) **Terapia ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos, EdUSCar, pp. 307-314, 2016.

PAN, L. C. **Entrelaçando pontos – de fora para dentro, de dentro para fora: ação e formação da terapia ocupacional social na escola pública**. 243f. Tese (doutorado) Universidade Federal de São Carlos, campos São Carlos, SP, 2019.

PEREGRINO, M. Desigualdade, juventude e escola: uma análise de trajetórias institucionais. **Pesquisas em educação**, EDUFF, número 3, 2008.SANTOS, C R. **Relações entre pares: a perspectiva de um grupo de adolescentes em conflito com a lei**. 106 f. Dissertação (mestrado). Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2013.

SILVA, C. G. Encontros nos territórios: escola, tecnologias juvenis e gênero. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v.49 n.171 p.180-202, 2019.

SILVA, C. G. Juventude e educação: a trajetória constituída pelo não lugar. In: LOPES, R; MALFITANO, A.P. **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos, EdUSCar, p. 315-322, 2016.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil. In: ABRAMO, H ;BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs) **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Instituto da Cidadania e Fundação Perseu Abramo, , p. 87-128, 2005.

SILVA, C.R. Oficinas. In: PARK, M.B.; SIEIRO, R.F.; CARNICEL, A. (Orgs.). **Palavras-chave da educação não formal**. Holambra: Editora Setembro/Centro de Memória da Unicamp, 2007a. p.213-4.

SILVA, C. G.; BORBA, P. L. de O. **Encontros com a diferença na formação de profissionais de saúde: juventudes, sexualidades e gêneros na escola**. Saúde Soc. São Paulo, v.27, n.4, p.1134-1146, 2018.

TRONTO, J. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, 2007

ZAMBONI, M. **Marcadores Sociais da Diferença.** Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14-18, 201